

# O CRACK E SUAS CONSEQUÊNCIAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA<sup>1</sup>

Paulo Henrique Pacheco Pereira<sup>2</sup>

Alessandra Jacoby<sup>3</sup>

## RESUMO:

Conforme levantamento do CEBRID (2005) é notório o aumento do uso e abuso de álcool e tabaco na sociedade atual, assim como de substâncias psicoativas consideradas ilegais. Esse aumento tem causado prejuízos e demandas em todas as áreas da sociedade e da vida dos indivíduos. Dentro dessa realidade está o crack, droga derivada da pasta de coca, que agravou esse quadro ao aumentar os danos sociais e à saúde dos usuários com um consequente aumento da procura por tratamento. Esse trabalho tem por objetivo investigar a presença do crack na sociedade com suas consequências na vida das pessoas, além de revisar estudos que instrumentalizem e capacitem os profissionais que atuam no tratamento da dependência química. Foi feita uma revisão dos artigos publicados entre 2010 e abril de 2013, com os descritores dependência química, crack e tratamento, utilizando a base de dados BVS e artigos no idioma português. A presença do crack no Brasil começa na década de 90 e, portanto, os estudos referentes ao assunto são recentes e insuficientes. Com o aumento do número de usuários e à grande necessidade de uso dos serviços de saúde conclui-se que é preciso a ampliação deste campo de estudo. Planos de ação nessa área dependem de mais dados sobre a população usuária do *crack* e dos indivíduos que buscam o sistema público de saúde. Percebe-se a grande dificuldade de sucesso nos tratamentos, o que indica a necessidade de investimentos nessa área, com a criação de mais leitos e novas terapias, mas principalmente, na prevenção evitando o surgimento e a instalação do problema. Além disso, o reconhecimento do perfil da população, que buscará os serviços, é importante para a sua eficácia.

Palavras-Chave: Dependência química. Crack. Tratamento.

## ABSTRACT

According to a survey of CEBRID (2005) is notorious the increased use and abuse of alcohol and tobacco in society today, as well as psychoactive substances deemed illegal. This increase has caused damages and demands in all areas of society and the lives of individuals. Within this reality is the crack, drug derived from coca paste, which has aggravated this situation by increasing the social harm and health of users with a consequent increase in demand for treatment. This work aims to investigate the presence of the crack in all layers of society with its implications on people's lives and the need for treatment. Was made a review of articles published between 2010 and 2013 with crack descriptors and treatment, using the database VHL and articles in Portuguese language. We note that the presence of crack in Brazil begins in the 90s and therefore studies on the topic are recent and insufficient. With its penetration in society, the consequent increase in the number of users and the great need of use of health services it is concluded that there is need for expansion of this field of study.

<sup>1</sup> Artigo de pesquisa apresentado como requisito para a conclusão do Curso de Pós-Graduação em Dependência Química e Promoção da Saúde das Faculdades Integradas de Taquara.

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Pós-Graduação em Dependência Química e Promoção da Saúde da FACCAT. Endereço Postal: Rua Félix da Cunha, 90. Parobé-RS. E-mail: [paulohp\\_rs@hotmail.com](mailto:paulohp_rs@hotmail.com)-[paulopacheco@criarvitoria.com.br](mailto:paulopacheco@criarvitoria.com.br)

<sup>3</sup> Psicóloga, Especialista em Recursos Humanos, Mestre em Psicologia Clínica. Docente dos cursos de Especialização em Dependência Química e Saúde Mental

Action plans in this area depend on more data about the users of crack and individuals seeking the public health system. Realizes the great difficulty of treatment success, which indicates the need for investment in this area, with the creation of more beds and new therapies, but mainly in the prevention and avoiding the emergence installation problem. Furthermore, the population profile recognition, which will seek the services, it is important to their effectiveness.

Keywords: Drug addiction. Crack. Treatment.

## INTRODUÇÃO

Estudos confirmam que a produção e o hábito de usar de substâncias psicoativas estão presentes durante a história da humanidade (MONTEIRO et al., 2012). Essa situação perdurou por vários séculos com um aparente controle social sobre o consumo. No entanto, conforme vários autores especialistas em dependência química (Bucher, 1992; Carlini et al., 2001; Leite et al., 1999), nas últimas décadas, se percebe transformações sociais que contribuem para o aumento do consumo de substâncias, tanto lícitas (como o álcool e o tabaco) como ilícitas (maconha, cocaína, crack e as drogas sintéticas) e o agravamento dos problemas decorrentes do uso de drogas, na grande maioria de países, tornando-se um problema de saúde coletiva em países desenvolvidos e em desenvolvimento.

Há um aumento rápido do consumo, além de uma taxa de crescimento de dependentes químicos, no Brasil, que cresce em torno de 10% ao ano (MOUTINHO; LOPES, 2008). Conforme Rocha (2010), qualquer substância que possui um potencial de pequena duração ou persistente de alterar, potencializar, inibir ou reforçar as funções orgânicas, psicológicas ou imunológicas pode ser denominada droga ou, conforme a Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas do Ministério da Saúde (2004), o termo droga de abuso está ligado aos objetivos do sujeito, ou seja, quando a pessoa utiliza a substância com a intenção de obter um efeito psicoativo e recreativo, sem preocupação com indicação médica e um propósito terapêutico.

Cada vez mais pesquisadores estão despertando o interesse para a compreensão e a elaboração de estratégias para o enfrentamento do problema (VARGENS et al., 2009). Conforme constataram alguns pesquisadores (Brajević-Gizdić et al., 2009), a busca ilimitada por prazer, curiosidade, fuga ou alívio da dor e sofrimento, além do objetivo de vivenciar novas experiências, são fatores que podem propiciar o início do uso de drogas. Além disso, a permanência do uso dessas substâncias pode cronificar o quadro e causar a dependência química que, segundo alguns autores (Brusamarello, Sureki, Borrile, Roehrs e Maftum, 2008),

é a interação doentia entre um indivíduo e uma substância psicoativa.

Oughourlian (1978), em seu trabalho intitulado *La personne du toxicomane*, classificou as toxicomanias em três grupos. A toxicomania de massa ou povo, que seria uma prática estabelecida pela sociedade, não só de forma permissiva, mas muitas vezes protetora e indutiva. O álcool, por exemplo, funciona como um mecanismo de integração social que está ligado a grandes ocasiões da vida individual e coletiva dos membros da sociedade. A segunda forma de toxicomania seria a de grupo ou comunitária que, embora coletiva, não tem o consentimento da maioria da sociedade e acontece em contextos sociais mais reduzidos e restritos, funcionando inclusive como ritual de iniciação e passagem, além de identificação ao grupo. Esse parece ser o caso do consumo da maconha no mundo ocidental. Já a terceira modalidade é a toxicomania solitária ou individual que é rejeitada pela sociedade de acolhimento e do grupo em que ela se desenrola até mesmo da família e rodas de amigos, chegando ao ponto de ser evitado pelos companheiros da prática de intoxicação, causando uma profunda alienação. Seria o caso de algumas substâncias, como a heroína e o crack que estão mais ligadas a essa prática de exclusão.

Essa problemática tem alta prevalência entre adolescentes, sendo que o início do uso de drogas, como o tabaco e álcool, nesta fase do desenvolvimento, aumenta as chances de evoluir para um padrão problemático de uso de uma ou mais drogas ilícitas (SILVA et al., 2002). Conforme constatado por vários pesquisadores (Noto et al., 2003; Duailibi, Ribeiro e Laranjeira, 2008), na outra ponta da escalada das drogas percebe-se a disseminação do crack que se expande em todas as regiões e classes sociais do país. Assim, o problema tem a atenção dispensada pelos estudiosos, sendo necessário caracterizar o perfil de uso desse público, para a criação e o efetivo estabelecimento de programas de prevenção e combate ao uso de drogas.

Fazendo-se uma relação entre o conceito de dependência química e o histórico de uso de substâncias psicoativas pela humanidade, em todos os tempos, percebe-se que é uma conceituação recente (ESCOHOTADO, 1995). Entretanto, os abusos sempre existiram, conforme se pode perceber numa descrição de Aristóteles sobre o uso exagerado de álcool, no séc. 4 a.C. onde afirmava que a virtude de beber está no equilíbrio entre a sobriedade e o exagero (ARISTÓTELES, 1933 apud PERRENOUD; RIBEIRO, 2011, p. 43).

Em seus estudos Schenker e Minayo (2005), descrevem alguns aspectos que seriam predisponentes para o uso de drogas, como: culturais, interpessoais, psicológicos e biológicos. Dentre esses, estariam a extrema pobreza, a disponibilidade das substâncias no mercado, o uso ou permissividade em relação às drogas pela família, relações familiares gravemente conflituosas, baixo desempenho ou evasão escolar, início precoce do uso, além de

características herdadas geneticamente que são indutoras do uso e a vulnerabilidade ao efeito das substâncias.

Lane (2004), afirma que o dependente químico não é explicado apenas pelo uso da substância psicoativa, mas pelo conjunto de experiências interligadas e que só fazem sentido entre si. Diante dessa realidade e da complexidade do problema pode-se dizer que a dependência química é uma doença multifatorial (OMS, 2004). Portanto, como diz Bertozzi (1993) é prudente evitar uma visão reducionista, seja biológica, social ou psicológica.

Conforme Bucher (1992), a problemática da dependência de drogas fundamenta-se no trinômio: substância (droga), o usuário e sua personalidade, além do momento sociocultural em que está inserido. Portanto, é preciso levar em conta que dependentes químicos são indivíduos adoecidos e, como qualquer doente, precisam ser tratados e não julgados, rejeitados ou punidos como se seus comportamentos fossem resultado de defeito moral, sendo essa uma visão inclusive de alguns profissionais de saúde (Lopes; Lemos et al., 2009).

Pactuando com a opinião de Aberastury (1980) e Bucher (1992) que descrevem a adolescência como uma fase da vida que induziria os jovens a uma maior suscetibilidade ao uso de drogas. Como se pode constatar, por exemplo, nas pesquisas de Galduróz, Noto e Carlini (1997), na qual os adolescentes do sexo feminino iniciam o uso de álcool e tabaco por volta dos 12,5 anos, enquanto que os adolescentes do sexo masculino iniciam em torno dos 12,8 anos. Já a maconha, a cocaína, o *crack*, os solventes, os ansiolíticos e os tranquilizantes, tem seu uso inicial em torno dos 13,1 anos para os adolescentes e 14,4 anos para as adolescentes.

No último levantamento domiciliar sobre uso de drogas psicotrópicas no Brasil, 22,8% da população havia feito uso de alguma droga psicotrópica na vida. A maconha foi a mais citada (8,8%), seguida pelos solventes (6,1%) e pelos benzodiazepínicos (5,6%). A cocaína apareceu na sexta posição, com 2,9%. O crack ficou na 11ª posição (0,7%), empatando com os barbitúricos, perdendo para os anticolinérgicos (0,5%) e superando o consumo da merla (0,2%) e da heroína (0,09%).

Segundo Galanter e Kleber (1987), os efeitos nocivos das drogas manifestam-se em várias áreas da vida do indivíduo e não se chegou a um consenso de qual é o tratamento mais eficaz. Assim, conforme achados de Marques e Cruz (2000) há uma crescente congruência de ideias de que o tratamento deve ser estruturado no desenvolvimento integral do indivíduo e no reajuste das suas relações, seja em nível familiar, social e ambiental.

A recuperação é um processo complexo, dinâmico e que leva tempo. É preciso estar

atento e preparado para lidar com as possibilidades de recaídas, que podem ser frequentes e frustrantes, tanto para o dependente, como para a equipe de profissionais (MARQUES; CRUZ, 2010). Deve-se levar em conta que as comorbidades psiquiátricas em dependentes químicos precisam ser adequadamente identificadas, pois são importantes para o prognóstico, planejamento e desenvolvimento de intervenções e tratamentos adequados.

Como se pode constatar com as pesquisas do Epidemiologic Catchment Área Study (Regier et al., 1990), cerca de metade dos dependentes de drogas, diagnosticados conforme critérios do DSM-IV-TR (American Psychiatric Association, 2000/2002) possuem uma comorbidade: 26%, transtornos do humor; 28%, transtorno de ansiedade; 18%, transtornos de personalidade antissocial; e 7%, esquizofrenia. Por fim, observando criticamente as pesquisas que vem dando atenção à característica multifatorial da problemática do consumo de substâncias psicoativas, percebe-se que esse olhar abrangente é um dos aspectos fundamentais para subsidiar a criação de programas de prevenção que produzam efetividade nas ações de combate, refletindo no número de internações e no perfil dos indivíduos que buscam tratamento.

A cocaína é consumida a milhares de anos pelos povos pré-colombianos. Na era moderna, popularizou-se na Europa, como componente de vinhos e tônicos (KARCH 1998 apud ALVES; RIBEIRO; CASTRO, 2011, p. 170). Conforme Kessler e Pechansky (2008), os estudos a respeito do crack são recentes no Brasil. Relatos evidenciam, na década de 80, o surgimento de uma nova e potente forma de uso da cocaína nos bairros pobres dos Estados Unidos da América. Os usuários inalavam o vapor expelido da queima de pedras que se formavam oriundas do cozimento da pasta base com bicarbonato de sódio. Devido aos estalos produzidos, com a queima da pedra, ser semelhante ao som da palavra crack, foi-lhe dado esse nome (HORTA et al., 2009).

Segundo dados registrados nos arquivos da polícia paulista, no Brasil, a primeira apreensão ocorreu em 1990, aumentando 166 vezes no período de 1993 a 1997 (PROCÓPIO, 1999 apud ALVES; RIBEIRO; CASTRO, 2011, p. 171). Portanto, com maior disponibilidade da substância e o aumento do número de usuários, começou-se a perceber os prejuízos decorrentes e uma maior procura aos serviços de saúde. Já, segundo um dos maiores centros de monitoramento da Europa, o European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction (EMCDDA, 2007), em alguns países europeus, o problema tornou-se relevante há pouco mais de cinco anos.

Conforme os dois últimos levantamentos nacionais (I LENAD, 2001 e II LENAD, 2005), em 24 cidades com mais de 200.000 habitantes, estima-se que o uso do crack ao longo

da vida no país aumentou de 0,4%, em 2001, para 0,7%, em 2005, sendo que a região sul foi a mais atingida, com um aumento de 0,5% para 1,1% de uso na vida, seguida pela região sudeste, com 0,8% e a região norte, com 1,0%, porém com a merla, outra forma de cocaína fumada (CARLINI et al., 2005). Em 2010, o Ministério da Saúde (BR) divulgou informação estimando que, em 2005, existiam 380 mil usuários e dependentes de crack, chegando hoje a 600 mil.

O crack apareceu no Brasil, como uma droga de fácil acesso e preço baixo, causando aos usuários, de forma progressiva, a dependência e danos físicos, atingindo todas as classes sociais, principalmente indivíduos em situações mais vulneráveis como os de rua, crianças e adolescentes. Duailib, Ribeiro e Laranjeira (2008), corroboram com essa afirmação, com uma revisão sobre o perfil de usuários de crack, onde a maioria dos usuários é jovem, pobre e do sexo masculino. Entretanto, há relatos de consumo nas classes média e alta, embora sem comprovação de que seja intenso (KESSLER; PECHANSKY, 2008).

O potencial de dependência de uma substância psicoativa está diretamente ligado ao tempo de início do efeito e sua intensidade, assim como de sua eliminação ou supressão. Conforme Falck, Wang e Carlson (2008), a euforia produzida pelo crack ocorre em torno de dez segundos, sendo que esse efeito se extingue muito rapidamente e produz, na maioria dos indivíduos, um intenso desejo de repetir tal ato (craving ou fissura), sendo a repetição desse processo a responsável por cerca de 62,8% dos usuários apresentarem critérios para dependência.

Além disso, conforme sinalizam Marques e Cruz (2010), esse desejo intenso prejudica o poder de decisão e raciocínio dos usuários que apresentam dificuldade de aprenderem com sua história (Bechara, 2004), além de profunda anedonia e a consequente perda de interesse pelas demais atividades do cotidiano, fazendo com que o tratamento tenha menores chances de sucesso e aumento dos índices de recaídas.

Portanto, diante dessa realidade, Edwards e Dare (1997), acreditam que aprender a lidar com o craving e o gerenciamento dos gatilhos que podem acioná-lo, deve ser um dos principais objetivos do tratamento. Para isso, é necessário descobrir quais as situações que se configuram como “gatilhos”, que segundo os autores seriam: situações, imagens, sons, odores e emoções que podem desencadear a recaída.

Já, em relação aos índices de adesão ao tratamento e motivação para realizar mudanças Orsi e Oliveira (2000); Sofuoglu et al., (2001); Zaleski et al., (2006), referem que sintomas depressivos e ansiosos são fatores que influenciam negativamente. Devido a essas características peculiares, o crack mostra-se como uma droga com potencial devastador,

sendo que seus usuários tornam-se mais sensíveis aos seus efeitos e sofrem um acelerado processo de deterioração física e psíquica (RIBEIRO et al., 2006; DUAILIBI; RIBEIRO e LARANJEIRA, 2008; CUNHA et al., 2004). Assim, fazem parte de um grupo que difere dos demais consumidores de drogas exigindo maior atenção, cuidado e necessidades próprias de tratamento (VARGENS; CRUZ; SANTOS, 2011).

O consumo da droga torna-se premente na vida do usuário e toma uma proporção muito grande. Os indivíduos sentem extrema necessidade de consumir a substância a ponto de abandonar gradativamente tudo o que é importante em sua vida, como: família, amigos, trabalho, vida social, estudos, a própria saúde, etc. Intensifica-se um processo de marginalização social através de atividades ilícitas e aumentando os índices de DST (HIV, hepatite C), assim como atos violentos, crimes (Malta et al., 2008; Carvalho e Seibel, 2009) e, de uma forma geral, a degradação a níveis físicos, psíquicos e morais (OLIVEIRA; NAPPO, 2008).

Os usuários de crack começam a sentir os prejuízos decorrentes do uso, de forma progressivamente rápida, como se pode constatar através dos achados de Gorelick (1992). Segundo ele, os problemas relacionados ao uso de crack levam de 3 a 4 anos para começar a aparecer, sendo que os usuários de cocaína inalada levam de 5 a 3 anos. Em função dessa rápida evolução para a dependência os usuários de crack apresentam baixa procura de ajuda ou tratamento, em relação aos dependentes das demais drogas ilícitas, buscando-o somente em situações graves (METSCH et al., 1999; CARLSON et al., 2010). Além disso, os autores Brody, Slovis e Wrenn (1990), citam que um aspecto relevante seria o fato de os usuários de *crack* enfrentarem preconceito pelo fato da droga ser ligada à criminalidade e não há disponibilidade de tratamento especializado que atenda as múltiplas necessidades dos indivíduos.

Segundo Ribeiro et al.(2008), há uma alta taxa de mortalidade entre dependentes de crack, principalmente devido ao modo de viver dos usuários, normalmente desregrado e ligado a ilicitudes, sendo que os homicídios aparecem como o principal fator de morte (RIBEIRO et al., 2006). Entretanto, apesar desse quadro de gravidade, alguns usuários, mesmo sob um modo de viver que os submeta a perigos e riscos de vida, conseguem manter-se num aparente controle sob o uso do crack por vários anos, fator que pode ser indicativo de que é possível um aprendizado de estratégias de proteção (FALCK et al., 2008).

## MÉTODO

Este estudo é uma revisão de literatura que teve por objetivo verificar a presença do

crack na sociedade e suas consequências. A Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) foi eleita como a base de dados para a pesquisa, buscando as publicações de 2010 a abril de 2013 usando como descritores: dependência química, crack e tratamento. O critério de escolha desta base ocorreu por ser considerada a mais abrangente entre as disponíveis até o momento e por agregar fontes consistentes de dados científicos.

Diante dos resultados obtidos inicialmente, que reuniram um grande número de referências às quais não apresentavam uma relação entre os termos pesquisados, percebeu-se a necessidade de selecionar o material através da análise dos títulos e, em alguns casos, também dos resumos. Esta análise foi feita através da leitura de todos os títulos e a seleção daqueles que, inicialmente, pareciam ter relação com o assunto pesquisado. Todos os artigos que continham a expressão no título foram selecionados. Em seguida, caso ainda restasse dúvida quanto à pertinência dos artigos, os resumos eram lidos e eliminados aqueles que não atendiam ao objetivo deste estudo.

Para todos os casos, somente foram considerados os artigos no idioma português que permitiram o acesso aos textos completos, portanto foram eliminadas todas as referências relacionadas que não puderam ser acessadas através da própria base, ou diretamente no periódico. Explica-se que assim que os artigos eram considerados relacionados com o tema e selecionados, a busca pela localização do texto completo era realizada no próprio periódico onde fora publicado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 77 artigos relacionados ao crack. Destes, 23 artigos foram excluídos por serem repetidos, três artigos por não possuírem o texto completo e um artigo por não estar disponível. Após análise mais apurada, mais 20 artigos foram descartados porque o título não tinha relação com o tema. Portanto, somente 30 artigos foram considerados relacionados ao tema pesquisado.

Tabela de Artigos

Nº	Autores	Título	Ano	Fonte
1	GABATZ, Ruth Irmgard Bärtschi et al	Percepção dos usuários de crack em relação ao uso e tratamento.	2013	Rev. Gaúcha Enferm.
2	Associação Brasileira de Psiquiatria	Abuso e dependência: crack	2012	Revista Assoc. Méd. Brasileira
3	ROMANINI, Moises and ROSO, Adriane.	Mídia e crack: promovendo saúde ou reforçando relações de dominação?	2012	Psicologia: Ciência e Profissão
4	RODRIGUES, Diego Schaurich et al	Conhecimentos produzidos acerca do crack: uma incursão nas dissertações e teses brasileiras.	2012	Ciênc. saúde coletiva



5	GIACOMOZZI, Andréia Isabel et al	Levantamento sobre uso de álcool e outras drogas e vulnerabilidades relacionadas de estudantes de escolas públicas participantes do programa saúde do escolar/saúde e prevenção nas escolas no município de Florianópolis	2012	Saúde Soc. São Paulo
6	TRACTENBERG, Saulo Gantes et al	Exposição a trauma e transtorno de estresse pós-traumático em usuáias de crack.	2012	J. Brasil. Psiquiatria
7	HESS, Adriana Raquel Binsfeld; ALMEIDA, Rosa Maria Martins de and MORAES, André Luiz	Comorbidades psiquiátricas em dependentes químicos em abstinência em ambiente protegido.	2012	Estudos de psicologia (Natal)
8	GARCIA, Edna Linhares; ZACHARIAS, Dulce Grasel; WINTER, Gabrielly; SONTAG, Julyana	(Re)conhecendo o perfil do usuário de crack de Santa Cruz do Sul.	2012	Barbarói
9	MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza; ARAÚJO, Telma Maria Evangelista de; SOUSA, Cristina Maria Miranda de; MARTINS, Maria do Carmo de Carvalho e; SILVA, Laianny Luize Lima e	Adolescentes e o uso de drogas ilícitas: um estudo transversal	2012	Rev. Enfermagem UERJ
10	FREIRE, Suzana Dias et al.	Intensidade de uso de crack de acordo com a classe econômica de usuários internados na cidade de Porto Alegre	2012	J. Bras. Psiquiatria
11	BACKES, Dirce Stein et al	Oficinas de espiritualidade: alternativa de cuidado para o tratamento integral de dependentes químicos	2012	Rev. Esc. Enferm. USP
12	VIOLA, Thiago Wendt et al.	Tomada de decisão em dependentes de crack: um estudo com o Iowa Gambling Task	2012	Estud. psicol. (Natal)
13	SELEGHIM, Maycon Rogério; INOUE, Kelly Cristina; SANTOS, Jéssica Adrielle Teixeira; OLIVEIRA, Magda Lúcia Félix de	Aspectos da estrutura familiar de jovens usuários de crack: um estudo do genograma	2011	Ciência Cuidado e Saúde
14	BALBINOT, Alexandre Dido, et al.	Perfil antropométrico de dependentes de crack hospitalizados para desintoxicação	2011	Revista HCPA
15	ARAUJO, Renata Brasil et al	Tratamento de exposição a estímulos e treinamento de habilidades como coadjuvantes no manejo do craving em um dependente de crack	2011	Trends Psychiatry Psychother
16	DIAS, Andréa Costa; ARAUJO, Marcelo Ribeiro; LARANJEIRA, Ronaldo	Evolução do consumo de crack em coorte com histórico de tratamento	2011	Rev. Saúde Pública
17	VARGENS, Renata Werneck; CRUZ, Marcelo Santos and SANTOS, Manoel Antônio dos.	Comparação entre usuários de crack e de outras drogas em serviço ambulatorial especializado de hospital universitário.	2011	Rev. Latino-Americana Enfermagem

18	ZENI, Taís Cardoso de; ARAUJO, Renata Brasil	Relação entre o craving por tabaco e o craving por crack em pacientes internados para desintoxicação	2011	Jornal Bras. Psiquiatria
19	BALBINOT, Alexandre Dido, et al.	Associação entre fissura e perfil antropométrico em dependentes de crack.	2011	Jornal Bras. Psiquiatria
20	BISCH, Nadia Krubskaya et al .	Aconselhamento telefônico para jovens usuários de crack	2011	Rev. Gaúcha Enferm.
21	HORTA, Rogério Lessa et al	Perfil dos usuários de crack que buscam atendimento em Centros de Atenção Psicossocial.	2011	Cad. Saúde Pública
22	CHAVES, Tharcila V et al	Fissura por crack: comportamentos e estratégias de controle de usuários e ex-usuários.	2011	Rev. Saúde Pública
23	SELEGHIM, Maycon Rogério et al	. Vínculo familiar de usuários de crack atendidos em uma unidade de emergência psiquiátrica.	2011	Rev. Latino-Americana Enfermagem
24	RAUPP, Luciane; ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira	Circuitos de uso de crack na região central da cidade de São Paulo	2011	Ciênc. saúde coletiva
25	RAMPELOTTO, C.; SONAGLIO, E.; STEIN, J.; OLIVEIRA, C. B.; SPANHOLI, L.; DOMINGUES, K. A.; COLPO, E	Acompanhamento dos índices antropométricos em adolescentes internados em clínica para abstinência do uso de <i>crack</i> .	2010	Arq. Ciênc. Saúde Unipar
26	MACHADO, Natália Gomes; MOURA, Escolástica Rejane Ferreira; CONCEIÇÃO, Marcela Alves Valente da; GUEDES, Tatiane Gomes.	Uso de drogas e a saúde sexual de adolescentes	2010	Rev. Enferm. UERJ
27	MOMBELLI, Mônica Augusta; MARCON, Sônia Silva; COSTA, Jaquiline Barreto	Caracterização das internações psiquiátricas para desintoxicação de adolescentes dependentes químicos	2010	Rev. Bras. Enfermagem
28	SCHEFFER, Morgana; PASA, Graciela Gema; ALMEIDA, Rosa Maria Martins de	Dependência de álcool, cocaína e crack e transtornos psiquiátricos	2010	Psic.: Teoria e Pesquisa
29	RIBEIRO, Luciana Abeid; SANCHEZ, Zila M.; NAPPO, Solange Aparecida	. Estratégias desenvolvidas por usuários de crack para lidar com os riscos decorrentes do consumo da droga	2010	Jornal Bras. Psiquiatria
30	ARAÚJO, R.; PANSARD, M.; BOEIRA, B.; ROCHA, N.	As Estratégias de Coping para o Manejo da Fissura de Dependentes de Crack	2010	Revista HCPA

Os autores Seleguim e Balbinot estão presentes em dois artigos cada um e Araújo R., em três artigos, sendo que os demais autores não se repetem em nenhum trabalho. Em relação às fontes de dados, constata-se que cinco estudos foram publicados pelo Jornal Brasileiro de Psiquiatria, oito por Revistas de Enfermagem (dois da UERJ, dois da Gaúcha, dois da Latino-Americana, uma da USP e uma da Revista Brasileira de Enfermagem), dois de Estudos de

Psicologia de Natal, dois da Ciência Saúde Coletiva, dois da revista HCPA e dois da Revista Saúde Pública. As demais fontes foram variadas. Em relação ao ano de publicação, um artigo foi do ano de 2013, 11 artigos do ano de 2012, 12 artigos de 2011 e seis artigos do ano de 2010. Podemos observar que dentre a totalidade dos artigos, 21 são pesquisas com usuários de crack que estavam em tratamento em regime de internação e nove tinham como foco usuários adolescentes.

No artigo produzido pela Associação Brasileira de Psiquiatria (2012), através dos participantes (Marques et al., 2012), pode-se identificar aspectos específicos na detecção e na abordagem a usuários de crack. De acordo com este artigo, os dependentes tem dificuldade de reconhecer o problema, são vítimas de preconceito devido ao fato da droga estar ligada a criminalidade e, por isso, apresentam muita dificuldade na busca e acesso ao tratamento especializado e que não apresenta uma abordagem adequada às suas necessidades.

Roso e Guareschi (2007), referem que a mídia tem como importante função informar e educar criticamente os cidadãos, porém pode-se constatar através de um dos artigos dessa tabela, Romanini et al. (2012), que o enfoque dado pela mídia (demonização, estigmas e preconceitos) sobre a problemática do crack, prejudica a regulação do entendimento do assunto e suas especificidades na detecção do problema e na formação de opinião para a criação de abordagens mais adequadas ao enfrentamento. Juntam-se a isso, a escassa produção de estudos e a carência de resultados, como se constata no artigo de revisão dos conhecimentos produzidos em teses de mestrado e doutorado de Rodrigues et al. (2012).

Em relação a descobertas terapêuticas importantes, o artigo que aborda o tratamento de exposição a estímulos e treinamento de habilidades (Araujo et al., 2011), fornece dados que comprovam a relevância dessa abordagem citada no título como coadjuvante para o tratamento, além disso, no artigo sobre o perfil antropométrico dos usuários, Balbinot, Alexandre Dido et al. (2011), concluem que os dependentes apresentam índices normais (peso, estatura, Índice de Massa Corporal (IMC), relação cintura-quadril (RCQ), perímetros, dobras cutâneas e diâmetro ósseo), excetuando o percentual de gordura abaixo dos índices de referência. Seleguim et al. (2011), referem que dentre as características que podem influenciar na prática do uso de crack, estão os aspectos familiares que, dependendo do funcionamento, podem induzir ao uso ou proteger os jovens.

No artigo de Freire et al. (2012), constatou-se que não houve relação entre a classe econômica e a intensidade e frequência de uso de crack, dados que podem indicar a característica universal do crack, droga que afeta a todos sem distinção. Em outro estudo realizado por Tractenberg et al. (2012), sobre exposição a traumas e estresse pós-traumático

em usuárias de crack, os autores concluíram que parece frequente a exposição a eventos traumáticos em dependentes de crack e que a exposição a traumas durante a infância e adolescência promovem o início de uso mais precocemente, indicando que o uso de substâncias psicoativas pode ser uma estratégia de auto medicação com o objetivo de aliviar o sofrimento (BROWN; WOLFE, 1994).

Já em relação às comorbidades associadas ao uso de drogas Hess et al. (2012), concluíram que os transtornos mais prevalentes são os depressivos e de ansiedade (TAG), corroborando com os achados de outros pesquisadores (Dualib et al., 2008; Filho et al., 2003; Scheffer et al., 2010; Strain, 2002), que acrescentam os transtornos de personalidade. Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Scheffer et al. (2010), com um grupo de 32 homens internados em uma comunidade terapêutica. Os autores concluíram que há alta prevalência de transtornos psiquiátricos em usuários de drogas, mais especificamente, em dependentes de álcool, cocaína e crack associadas, sendo os Transtornos de Humor de maior frequência juntamente com os Transtornos de Personalidade. Esses achados confirmam outros trabalhos (Nassif, 2004), que indicam que o uso de drogas, afeta o cérebro e o comportamento.

Em relação ao perfil do usuário de crack, Garcia et al. (2012) encontraram em seu trabalho com 200 indivíduos, sendo 100 usuários de crack e 100 familiares, a predominância do sexo masculino (87%), com início de uso precoce (62% entre 10 e 15 anos), com ensino fundamental incompleto, somando-se ao histórico de uso de drogas na família. Dados semelhantes estão no artigo de Horta et al. (2011), que identificou, nos atendimentos em CAPS, a predominância de homens, com ensino fundamental ou médio, sem ocupação regular e com envolvimento com polícia ou justiça, entre outros aspectos.

Outro aspecto relevante na problemática do uso de drogas é a saúde sexual dos adolescentes, conforme se percebe no estudo de Machado et al. (2010), com 69 adolescentes. A baixa escolaridade, baixa renda e alta evasão escolar são características desse público. Maconha e crack foram as drogas mais consumidas, sendo que a atividade sexual sob efeito de drogas foi relatada por 31 (46,9%) adolescentes. Evidencia-se, assim, o início precoce da prática de sexo, tornando-os vulneráveis às DST's e gravidez não planejada. Mais um estudo realizado com 196 adolescentes numa escola do Piauí, por Monteiro et al. (2012), identificou uma prevalência de 17,9% de consumo de drogas ilícitas (maconha, 60%; crack, 20%; solventes, 11,4% e outras, 17,6%), sendo que ocorreram mais frequentemente em casa de amigos (42,9%), boates e bares (34,3%).

No artigo intitulado, Caracterização das internações psiquiátricas para desintoxicação

de adolescentes dependentes químicos, Mombelli et al. (2010), confirmam que a maioria das internações para desintoxicação num hospital público do Paraná, foi de adolescentes do sexo masculino (79%), sendo as drogas mais consumidas, o crack (87,6%) e a maconha (85,2%), além de 79% usarem as duas drogas em conjunto. O fácil acesso, a evasão escolar, o uso de drogas na família e a falta de motivação para o tratamento são os fatores encontrados que levam ao exagero do consumo. Esses aspectos evidenciam a condição multifatorial do problema e sugerem uma abordagem biopsicossocial.

A Intervenção Breve Motivacional (IBM) associada ao aconselhamento telefônico foi abordado no estudo de Bisch et al. (2011), como mais uma alternativa de tratamento para jovens usuários de crack e que segundo Rubak et al. (2006), pode ser aplicada não só por especialistas. Outra vantagem é a disponibilidade de mais uma opção para indivíduos com dificuldades financeiras e de acesso a serviços de atendimento.

Dias et al. (2011), investigaram a evolução do consumo de crack numa amostra de 131 dependentes com histórico de tratamento e concluíram que, contrariando o senso comum, há uso de crack de longo prazo e a possibilidade de estratégias peculiares de manutenção e moderação do uso, conciliando com as atividades do cotidiano, confirmando os estudos de Oliveira e Nappo (2008).

Já, a pesquisa de Vargens et al. (2011), que analisa as diferenças entre pacientes com e sem uso de crack, concluiu que normalmente os usuários de crack são mais jovens e solteiros, além de apresentarem baixa escolaridade e desemprego, apesar desses índices não serem muito significativos e serem semelhantes aos usuários de outras substâncias. Além disso, percebe-se o aumento da procura por tratamento entre usuários de crack.

Somando-se a esses dados, Giacomozzi et al. (2012), apontam em seu estudo realizado com 789 estudantes de nove escolas do município de Florianópolis que o álcool foi utilizado na vida por 30,1% dos participantes, tabaco 20,1%, maconha 7%, cocaína 1,3% e o crack, 0,6%. Esses resultados e os aspectos sociais relacionados ao uso (falta ou evasão escolar, brigas, sexo precoce e sem proteção e maiores riscos de DST's), evidenciam a vulnerabilidade a que os jovens estão submetidos e a necessidade de outros grupos sociais, como a família, se aliarem à escola para programarem estratégias.

Conforme Araújo et al. (2010), demonstraram em sua pesquisa, há uma relação entre a motivação para parar de usar crack, o tempo de internação e o tempo de abstinência com algumas estratégias de coping. Por esse motivo é importante o aprendizado dessas estratégias durante a internação, para melhores resultados no tratamento. Num estudo realizado com 32 indivíduos usuários de crack internados numa unidade de desintoxicação masculina, Zeni

et al. (2011), chegaram a conclusão que a exposição à nicotina pode servir como gatilho para o craving (fissura) por crack, assim como aumentar seu uso, demonstrando que há associação entre craving por crack e craving por tabaco. Esses achados sugerem que a abstinência de tabaco pode ajudar na eficácia do tratamento para dependentes de crack e, portanto, indicam que o usuário também deve ser motivado para a abstinência do tabaco.

Balbinot et al. (2011), num dos poucos estudos existentes sobre o uso de crack e sua relação com a composição corporal com 30 homens internados para desintoxicação, concluíram que há modificação na composição corporal em indivíduos que passam por desintoxicação, entretanto não foram encontradas associações significativas entre fissura de crack e as variações das medidas corporais dos usuários.

Já, Rampelotto et al. (2010), acompanhando os índices de tamanho corporal de nove adolescentes internados num Hospital Público de Santa Maria/RS, concluíram que há um aumento das medidas corporais, contribuindo com a melhora nutricional. Além disso, esse controle unido às abordagens de outros profissionais envolvidos promove uma melhor qualidade de vida que contribui para a eficácia do tratamento através de uma adequada abordagem biopsicossocial.

Em seu estudo, Backes et al. (2012), objetivou relatar uma experiência vivenciada com usuários de crack sob tratamento de desintoxicação, procurando proporcionar um cuidado integral aos dependentes, por meio de oficinas de espiritualidade, com o argumento de avaliar a prática desse aspecto e sua eficácia no tratamento. O estudo constatou que a espiritualidade tem um poder agregador, animador e dinamizador de vida e esperança, bem como de dar um sentido para a existência, aspectos que vão se perdendo com a evolução do problema. Além disso, corroborando com Salgado e Rocha (2007), esse estudo traz reflexões sobre a importância de abordar esse aspecto na formação dos profissionais.

Viola et al., (2012), investigaram a tomada de decisão em 15 dependentes de crack masculinos e 15 femininos, internados numa unidade de desintoxicação. Na comparação com um grupo controle de não usuários concluiu-se que há prejuízos na tomada de decisão que podem indicar dificuldade de percepção das consequências de seus atos, o que implica na dificuldade de aprendizado com os próprios erros, conforme Bechara (2004). Unindo-se esses aspectos às dificuldades de lidar com o craving, teremos maiores chances de recaída.

Num estudo realizado com 31 usuários de crack e nove ex-usuários em abstinência de, no mínimo seis meses, Caves et al. (2011), verificaram que o uso de crack desencadeia padrão de uso pesado por tempo determinado, que podem ser induzidos pela forte fissura produzida durante o uso da droga, o que confirma a característica compulsiva do usuário de

crack, reforçando os resultados de outros estudos (NAPPO e SANCHEZ, 2010; OLIVEIRA e NAPPO, 2008). Além disso, identificou-se que as estratégias utilizadas pelo usuário para lidar com a fissura, tornam-se moderadoras do uso de crack e podem ser mais uma ferramenta importante para a eficácia do tratamento.

Da mesma forma, Ribeiro et al. (2010), procuraram identificar as estratégias utilizadas por 30 usuários de crack para minimizar ou evitar os riscos decorrentes do consumo de crack, relacionados aos efeitos psíquicos da droga (fissura, paranoia transitória e depressão) e que seriam enfrentados com uso de álcool e maconha. Além disso, com a moderação de sua postura e comportamento perante as normas do tráfico e a lei, buscavam evitar problemas com a polícia e com os traficantes. Embora algumas dessas estratégias pareçam dar resultados momentâneos, podem apresentar riscos ao longo do tempo, como por exemplo, alcoolismo e dependência de maconha.

Alguns dados importantes para subsidiar estratégias para os tratamentos com usuários de crack, foram encontrados na pesquisa de Gabatz et al. (2013). Numa unidade de internação hospitalar, no RS, foram realizadas entrevistas com oito usuários de crack e identificaram a percepção dos indivíduos a cerca do tratamento e do uso da substância, concluindo que o início do uso está relacionado à curiosidade, influência de amigos e familiares, além de envolver-se com ilegalidades, gastar muito dinheiro e correr riscos para a saúde devido a busca pela droga. Já, na busca por tratamento, identificou-se forte influência da família, corroborando com os estudos de Martins et al. (2012) e Silva et al. (2007), assim como dos amigos.

Confirmando os achados de algumas pesquisas que tem como foco a família, Selegim et al. (2011), constataram algumas evidências através de estudos de casos de 10 usuários de crack, numa unidade de desintoxicação do município de Maringá/PR. Concluíram que ocorre a perda dos vínculos com a família e o meio social, além de violência e presença de drogas no ambiente familiar. Somado a isso, confirmando os estudos de Mombelli et al. (2010), constatou-se a importância do papel da família tanto na prevenção e no tratamento do uso de drogas, como reforçadora de uma cultura da droga.

Finalizando, Raupp et al. (2011), fizeram um estudo etnográfico em locais de venda e consumo de crack (cracolândia) na região central de São Paulo, com o objetivo de identificar o impacto da presença da droga na vida dos usuários e moradores daquela área. Percebeu-se nos ambientes, tensão permanente, prática de atos ilegais e violentos, onde os usuários aparecem como agressores ou vítimas. Além disso, outros fatores identificados foram a degradação dos locais históricos da região e a falta de investimentos sociais e de saúde

pública. Além disso, os autores salientam que essa degradação do local é histórica e vem ocorrendo antes do surgimento do crack e, a partir da segunda metade do século XX, quando grandes empresas, lojas luxuosas e grandes hotéis deslocaram-se para outras áreas da cidade, juntamente com a elite da época começando um processo de desvalorização e abandono daquela região, tanto de moradores como de investimentos públicos que foram agravados com o aumento da prostituição, a presença de traficantes e usuários de drogas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paralelamente ao crescente aumento do consumo de substâncias psicoativas como álcool e tabaco, além das consideradas ilegais, notam-se evidentes prejuízos aos indivíduos e à sociedade. Dentro desse panorama está o crack, droga sobre a qual procuramos focar mais atentamente nosso olhar. A revisão apresentada proporciona a oportunidade de encontrar estudos que abordem uma gama variada de aspectos que envolvem o consumo de drogas de uma forma geral.

Entretanto, como já citado, ampliou-se as observações sobre o consumo do crack e suas consequências em todas as áreas da vida dos sujeitos, usuários ou não, com o objetivo de buscar e transmitir esclarecimentos através de dados e informações a respeito de uma problemática que vem se alastrando e reverberando seus danos por todas as camadas da sociedade. Parece evidente que a sociedade, de uma forma geral, demonstrou até recentemente, uma inércia no sentido de tomar providências mais concretas em relação ao problema do uso de drogas. Como diz Bucher (1992), o fenômeno da drogadição tem suas raízes no trinômio: substância (droga), o indivíduo e sua subjetividade, além do contexto em que ele está inserido.

Portanto, pode-se concluir que vários aspectos contribuíram para a evolução dessa situação como a falta de controle sobre a produção e distribuição das substâncias, causando um crescimento de quantidade de droga circulante; mudanças culturais da sociedade moderna (hedonismo, competitividade, consumismo, etc.) (Bucher, 1992; Carlini et al., 2001; Leite, Andrade et al., 1999), que se modificaram ao longo do tempo; desestruturação da família como organização social formadora e norteadora na formação dos jovens; deterioração no atendimento das necessidades básicas (educação, saúde, emprego, moradia e segurança) da população; facilitação e indução do consumo de tabaco e álcool pela mídia e família, além da falta de uma política nacional sobre drogas.

Conforme informações e evidências encontradas nos trabalhos constatou-se que o consumo do crack está presente nos indivíduos de todas as camadas da sociedade, desde a



mais pobre e passando pelas classes média e alta, embora sem a comprovação de que o uso seja intenso. Entretanto, o perfil dos usuários é marcado por algumas características que se sobressaem. Indivíduos em vulnerabilidade pertencentes à classe pobre, crianças e adolescentes com início de consumo e prática sexual precoce e, por isso, expostos às DST's e gravidez não planejada. Além disso, são indivíduos com baixa escolaridade, sem ocupação regular, com histórico de uso de drogas na família e envolvimento com polícia e justiça.

Outro aspecto que caracteriza o perfil de usuários de crack é que devido a forte fissura produzida pela substância são muito compulsivos e apresentam um padrão de uso pesado. Já, os motivos que podem induzir ao uso, encontrados nessa revisão indicam a exposição a traumas durante a infância e adolescência e que o consumo de crack pode ser uma estratégia de automedicação para aliviar o sofrimento. Outros motivos seriam o preço barato e a disponibilidade da droga, a curiosidade, influência de amigos e familiares, além de algumas comorbidades (transtornos depressivos, de ansiedade e de personalidade) que podem induzir ou ser uma consequência do uso, indicando que o crack adoece o cérebro e o comportamento.

Somente, a partir de 2002, com a mobilização do SENAD, foi instituída a Política Nacional Antidrogas – PNAD (Brasil, 2010b) e começou-se a promover ações mais concretas e contínuas de repressão, para reduzir a oferta, bem como um olhar mais atento para a prevenção, tratamento, recuperação e reinserção social de dependentes. Percebe-se que a sociedade estava despreparada para o enfrentamento do problema das drogas, quadro que se agravou com o aparecimento do crack e seus efeitos poderosos. Esse despreparo produziu um campo fértil para o aparecimento de discursos políticos e ideológicos causando um afastamento da construção de soluções efetivas.

Argumentos simplistas e preconceituosos acabaram por personificar no crack o causador de todos os males da sociedade como se ela fosse vítima de um poder maligno. Esse enfoque acaba por fazer uma ilação entre a delinquência e o usuário, estigmatizando o dependente e utilizando abordagens preconceituosas que acabam por excluir os indivíduos. É inquestionável que o uso de drogas, mais especificamente o crack, não são a causa das mazelas da sociedade, mas um sintoma de algo mais complexo e profundo. Portanto, constata-se que devido a essa complexidade é preciso um olhar biopsicossocial que contemple diversos aspectos da vida das pessoas e com uma visão multidisciplinar.

Assim, para que se consigam bons resultados é imprescindível uma articulação de esforços de todos os setores da sociedade com o objetivo de criar uma rede organizada que acolha o dependente, desde o primeiro atendimento, passando pela reabilitação e reinserção social. Porém, a prevenção parece ser a saída, através de práticas de promoção da saúde que

produzam novos saberes e práticas que transformem o sujeito e seu contexto, além de diminuir os fatores de vulnerabilidade e aumentando os fatores de proteção.

Os estudos evidenciam que os dependentes de crack são estigmatizados e marginalizados, tratamento que é reforçado pelos próprios comportamentos e deterioração moral que advém do uso exagerado da droga, fazendo com que se reúnam em grupos e formando as chamadas cracolândias que se disseminam pelas cidades de todo o país. Portanto acredita-se que a assistência para aqueles dependentes que perambulam por essas regiões passaria, além do acolhimento e encaminhamento para tratamento, pela implementação de um projeto de reurbanização daqueles locais, tornando-os mais adequados para um convívio saudável dos indivíduos.

Somado a isso, com os estudos sobre o perfil dos usuários, pode-se adequar o tratamento com enfoque nas necessidades da família e adolescentes, em conjunto com outros grupos sociais e a escola, já que se constatou nessa revisão que o início do uso de substâncias psicoativas se dá em idades cada vez mais precoces. Além disso, percebe-se a importância de novos estudos que embasem a criação de novas técnicas e tratamentos. Apesar da dificuldade dos dependentes de crack de buscarem ajuda e da falta de tratamento adequado às suas necessidades, percebe-se um aumento da procura por tratamento.

Portanto, identificou-se nesse estudo dados e técnicas que podem ser importantes para o tratamento de usuários de crack. Os prejuízos na tomada de decisão e a dificuldade de lidar com o craving aumentam as chances de recaída. A exposição a estímulos e o treinamento de habilidades para lidar com a fissura podem ser importantes como coadjuvantes para o tratamento. Outra descoberta relevante é que existe uma relação positiva entre o tempo de internação, tempo de abstinência e a motivação para parar de usar, com estratégias de coping que podem ser treinadas durante a internação.

Foram encontradas evidências da importância da espiritualidade para o tratamento através da restituição de aspectos importantes que se perdem com a evolução do problema. O seu poder de induzir à interiorização e ao resgate de valores, além de instilar esperança e dar sentido à existência são benefícios importantes. Por fim, a IBM (Intervenção Breve Motivacional) associada ao aconselhamento telefônico é mais uma alternativa de tratamento que se mostrou positiva, principalmente por ser barata, pela possibilidade de ser aplicada por não especialistas e sua disponibilidade a indivíduos com dificuldade de acesso a serviços de atendimento.

## REFERÊNCIAS:

- 1- ARAUJO, Renata Brasil et al. Tratamento de exposição a estímulos e treinamento de habilidades como coadjuvantes no manejo do craving em um dependente de crack. *Trends Psychiatry Psychother.*, Porto Alegre, v. 33, n. 3, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S223760892011000300008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S223760892011000300008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27 Abr. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S2237-60892011000300008>
- 2- ARAUJO, R., PANSARD, M., BOEIRA, B., ROCHA, N.. As Estratégias de Coping para o Manejo da Fissura de Dependentes de Crack. *Revista HCPA, Local de publicação (editar no plugin de tradução o arquivo da citação ABNT)*, 30, abr. 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/hcpa/article/view/11572/7509>>. Acesso em: 27 Abr. 2013.
- 3- Associação Brasileira de Psiquiatria. Abuso e dependência: crack. *RevAssocMedBras*; 58(2): 138-140, mar.-abr. 2012. ilus. Artigo em Português | [LILACS-Express](#) | ID: 625050
- 4- BACKES, Dirce Stein et al. Oficinas de espiritualidade: alternativa de cuidado para o tratamento integral de dependentes químicos. *Rev. esc. enferm. USP* [online]. 2012, vol.46, n.5, pp. 1254-1259. ISSN 0080-6234. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342012000500030>.
- 5- BISCH, Nadia Krubskaya et al. Aconselhamento telefônico para jovens usuários de crack. *Rev. Gaúcha Enferm.* (Online), Porto Alegre, v. 32, n. 1, Mar. 2011 .Disponível em<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198314472011000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198314472011000100004&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 27 Abr. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472011000100004>
- 6- Carlini EA, Galduróz JC, Noto AR, Carlini CM, Oliveira LG, Nappo SA, et al. II levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do Brasil - 2005. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas; 2006.
- 7- CHAVES, Tharcila V. et al . Fissura por crack: comportamentos e estratégias de controle de usuários e ex-usuários. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 45, n. 6, Dec. 2011. Disponível em<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003489102011000600020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102011000600020&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 27 Abril 2013. EpubSet 02, 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102011005000066>
- 8- Dependência química: prevenção, tratamento e políticas públicas / Alessandra Dihel et al. – Porto Alegre: Artmed, 2011.
- 9- DIAS, Andréa Costa; ARAUJO, Marcelo Ribeiro; LARANJEIRA, Ronaldo. Evolução do consumo de crack em coorte com histórico de tratamento. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 45, n. 5, Out. 2011 Disponível em<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003489102011000500016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102011000500016&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 27 Abr. 2013. Epub Jul 29, 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102011005000049>
- 10- Fé na Prevenção: prevenção do uso de drogas em instituições religiosas e movimentos afins/organizadoras Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte, Maria Lucia Oliveira de

Souza Formigoni. – 2. ed. – Brasília: SENAD, 2011. 302p. – (Fé na Prevenção; v.1)

- 11-FREIRE, Suzana Dias et al. Intensidade de uso de crack de acordo com a classe econômica de usuários internados na cidade de Porto Alegre/Brasil. *J. bras. psiquiatr.* [online]. 2012, vol.61, n.4, pp. 221-226. ISSN 0047-2085. <http://dx.doi.org/10.1590/S0047-20852012000400005>
- 12-Garcia, Edna Linhares; Zacharias, Dulce Grasel; Winter, Gabrielly; Sontag, Julyana. (Re)conhecendo o perfil do usuário de crack de Santa Cruz do Sul. *Barbarói*; (36,n.esp): 83-95, jan.-jun. 2012. GrafArtigo em Português | LILACS | ID: 661770
- 13-GIACOMOZZI, Andréia Isabel et al. Levantamento sobre uso de álcool e outras drogas e vulnerabilidades relacionadas de estudantes de escolas públicas participantes do programa saúde do escolar/saúde e prevenção nas escolas no município de Florianópolis. *Saude soc.* [online]. 2012, vol.21, n.3, pp. 612-622. ISSN 0104-1290. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902012000300008>
- 14-HESS, Adriana Raquel Binsfeld; ALMEIDA, Rosa Maria Martins de and MORAES, André Luiz. Comorbidades psiquiátricas em dependentes químicos em abstinência em ambiente protegido. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. 2012, vol.17, n.1, pp. 171-178. ISSN 1413-294X. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2012000100021>
- 15-HORTA, Rogério Lessa et al. Perfil dos usuários de crack que buscam atendimento em Centros de Atenção Psicossocial. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 11, Nov.2011. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102311X2011001100019&lng=e&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2011001100019&lng=e&nrm=iso)> Acesso em 27 Abr. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2011001100019>
- 16-Machado, Natália Gomes; Moura, Escolástica Rejane Ferreira; Conceição, Marcela Alves Valente da; Guedes, Tatiane Gomes. Uso de drogas e a saúde sexual de adolescentes / Drug use and sexual health among adolescents / Uso de drogas y la salud sexual de adolescentes *Rev. enferm. UERJ*; 18(2): 284-290, abr.-jun. 2010. tab. Artigo em Pt | LILACS | ID: 561994
- 17-MOMBELLI, Mônica Augusta; MARCON, Sônia Silva; COSTA, Jaquiline Barreto. Caracterização das internações psiquiátricas para desintoxicação de adolescentes dependentes químicos. *Rev. bras. enferm.*, Brasília, v. 63, n. 5, Out. 2010. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S003471672010000500007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003471672010000500007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 27 Abr. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672010000500007>
- 18-Monteiro, Claudete Ferreira de Souza; Araújo, Telma Maria Evangelista de; Sousa, Cristina Maria Miranda de; Martins, Maria do Carmo de Carvalho e; Silva, Laianny Luize Lima e Adolescentes e o uso de drogas ilícitas: um estudo transversal. *Rev. enferm. UERJ*; 20(3): 344-348, jul.-set. 2012. tab. Artigo em Português | LILACS | ID: 661969
- 19-RAUPP, Luciane; ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. Circuitos de uso de crack na região central da cidade de São Paulo (SP, Brasil). *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 5, May 2011 Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141381232011000500031&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232011000500031&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 27 Abr. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413->

[81232011000500031](http://dx.doi.org/10.1590/S0047-208520100003000031)

- 20- RAMPELOTTO, C.; SONAGLIO, E.; STEIN, J.; OLIVEIRA, C. B.; SPANHOLI, L.; DOMINGUES, K. A.; COLPO, E. Acompanhamento dos índices antropométricos em adolescentes internados em clínica para abstinência do uso de *crack*. *Arq. Ciênc. Saúde Unipar*, Umuarama, v. 14, n. 2, p. 117-123, maio/ago. 2010
- 21- Ribeiro, Marcelo, and Ronaldo Laranjeira. *O Tratamento do usuário de Crack*. Artmed Editora, 2010.
- 22- RIBEIRO, Luciana Abeid; SANCHEZ, Zila M.; NAPPO, Solange Aparecida. Estratégias desenvolvidas por usuários de crack para lidar com os riscos decorrentes do consumo da droga. *J. bras. psiquiatr.*, Rio de Janeiro, v. 59, n. 3, 2010 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0047-20852010000300007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852010000300007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 27 Abr. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0047-20852010000300007>
- 23- RODRIGUES, Diego Schaurichet al. Conhecimentos produzidos acerca do crack: uma incursão nas dissertações e teses brasileiras. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2012, vol.17, n.5, pp. 1247-1258. ISSN 1413-8123. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000500018>.
- 24- ROMANINI, Moises and ROSO, Adriane. Mídia e crack: promovendo saúde ou reforçando relações de dominação? *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2012, vol.32, n.1, pp. 82-97. ISSN 1414-9893. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932012000100007>
- 25- SELEGHIM, Maycon Rogério et al . Vínculo familiar de usuários de crack atendidos em uma unidade de emergência psiquiátrica. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 19, n. 5, out. 2011. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010411692011000500014&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010411692011000500014&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 27 abr. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692011000500014>
- 26- Seleghim, Maycon Rogério; Inoue, Kelly Cristina; Santos, Jéssica Adrielle Teixeira; Oliveira, Magda Lúcia Félix de. Aspectos da estrutura familiar de jovens usuários de crack: um estudo do genograma. *Ciênc. cuid. saúde*; 10(4): 795-802, out.-dez. 2011. Tab.Artigo em Português | BDENF - enfermagem (Brasil) | ID: 23501
- 27- SCHEFFER, Morgana; PASA, Graciela Gema; ALMEIDA, Rosa Maria Martins de. Dependência de álcool, cocaína e crack e transtornos psiquiátricos. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 26, n. 3, Set. 2010 Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010237722010000300016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722010000300016&lng=en&nrm=iso)> acesso em 27 Abr. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000300016>.
- 28- TRACTENBERG, Saulo Ganteset al. Exposição a trauma e transtorno de estresse pós-traumático em usuárias de crack. *J. bras. psiquiatr.* [online]. 2012, vol.61, n.4, pp. 206-213. ISSN 0047-2085. <http://dx.doi.org/10.1590/S0047-20852012000400003>

- 29- VARGENS, Renata Werneck; CRUZ, Marcelo Santos and SANTOS, Manoel Antônio dos. Comparação entre usuários de *crack* e de outras drogas em serviço ambulatorial especializado de hospital universitário. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* [online]. 2011, vol.19, n.spe, pp. 804-812. ISSN 0104-1169
- 30- VIOLA, Thiago Wendtet al. Tomada de decisão em dependentes de crack: um estudo com o Iowa GamblingTask. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. 2012, vol.17, n.1, pp. 99-106. ISSN 1413-294X. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2012000100012>
- 31- ZENI, Taís Cardoso de; ARAUJO, Renata Brasil. Relação entre o craving por tabaco e o craving por crack em pacientes internados para desintoxicação. *J. bras. psiquiatr.*, Rio de Janeiro, v. 60, n. 1, 2011. Disponível em<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S004720852011000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S004720852011000100006&lng=en&nrm=iso)> acesso em 27 Abr. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0047-20852011000100006>